ESTUDO DA NARRATIVA MEMÓRIAS DO CÁRCERE, DE GRACILIANO RAMOS

STUDY OF GRACILIANO RAMOS' MEMÓRIAS DO CÁRCERE NARRATIVE

Queren Daniela Borges (Autora/Apresentadora)¹ - Unifesspa Carlos Augusto Carneiro Costa (Autor/Coordenador do Projeto)² - Unifesspa

Resumo: Estudo das relações entre literatura, história e psicanálise a partir da narrativa *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, dando visibilidade para a *constituição do sujeito* (narrador e personagens), pautada nas categorias de *trauma* e *melancolia*, e sua relação conflituosa com a realidade histórica brasileira das décadas de 30 e 40.

Palavras-chave: Trauma. Melancolia. Constituição do sujeito.

Abstract: Study of the relationship between literature, history and psychoanalysis in Graciliano Ramos' narrative *Memórias do Cárcere*, giving visibility to the self-constitution (narrator and characters), based on trauma and melancholy categories, and his conflicted relationship with the Brazilian historical reality of the decades of 30 and 40.

Keywords: Trauma. Melancholy. Self-constitution.

1. INTRODUÇÃO

A narrativa *Memórias do cárcere* traz à baila justamente um momento histórico brasileiro ainda incompreendido e, talvez, não superado, do ponto de vista coletivo. Um conjunto de ideologias autoritárias se instala e ganha força doutrinária pelos quatro cantos do país. A postura política de Getúlio Vargas resvala em ações antissemitas (Carneiro, 1988). Entre as décadas de 1930 e 1940, período em que é publicado, o país é tomado pelo que Eliana de Freitas Dutra (2012) chama de "ardil totalitário", um imaginário político construído à luz da fantasia da "proteção onipotente" do Estado. Assim, é bastante significativo pensarmos que essas indeterminações sociais são homólogas às indeterminações presentes na narrativa.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as relações entre os processos de constituição do sujeito, trauma e melancolia e a elaboração formal da narrativa *Memórias do cárcere*, de Graciliano Ramos, tentando encontrar elementos de ligação com a experiência histórica brasileira das décadas de 30 e 40. De forma específica, nossos objetivos são:

- Analisar a composição formal da narrativa Memórias do cárcere;
- Compreender o contexto de produção da narrativa;
- Avaliar o impacto das categorias trauma e melancolia na constituição formal da narrativa;
- Investigar o repertório crítico, teórico e historiográfico da pesquisa, à luz dos elementos que a própria narrativa oferece como possibilidade de estudo da literatura, do sujeito e da realidade histórica brasileira.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi constituída basicamente de recursos bibliográficos (livros, artigos, teses e dissertações) e desenvolvida obedecendo aos seguintes passos: leitura e fichamento; discussão com o orientador e o grupo de pesquisa; produção de texto; revisão; produção do texto final.

¹Graduanda em Letras-Língua Portuguesa, no Instituto de Estudos do Xingu/UNIFESSPA. E-mail: guerendaniela@unifesspa.edu.br.

²Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela USP. Professor Assistente A, Nivel 1, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (IEX/Unifesspa). Diretor do Instituto de Estudos do Xingu. E-mail: cac@unifesspa.edu.br.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A obra denuncia o drama e sofrimento enfrentado por Graciliano nas prisões brasileiras da época. O período foi caracterizado pelo autoritarismo das instituições repressoras comandadas por Getúlio Vargas:

O governo se corrompera em demasia; para aguentar-se precisava simular conjuras, grandes perigos, salvar o país enchendo as cadeias. Mas as criaturas suspeitas e os homens comprometidos na Escola de Aviação, no 3° Regimento, na revolução de Natal eram escassos, não davam para justificar medidas de exceção e arrocho, o temor público necessário à ditadura (p. 133).

Graciliano foi preso sem ter sido acusado formalmente, percorrendo vários presídios no Brasil:

O interrogatório, as testemunhas, as formalidades comuns em processos não apareciam. Nem uma palavra de acusação. Permaneceríamos talvez assim. Com certeza havia motivo para nos segregarem, mas aquele silêncio nos espantava (p. 88).

Memórias do Cárcere faz nos refletir sobre o papel transformador da literatura quando repensamos e recuperamos a história de nossa sociedade. A obra recupera cenas de um tempo em que Graciliano falará pelos silenciados e oprimidos.

O que confirma com a visão de Silviano Santiago em *O Cosmopolitismo do Pobre Crítica Literária e Crítica Cultural*. Silviano aponta que o escritor brasileiro tem a visão de Arte como forma de conhecimento e também a visão Política como exercício da arte que busca o bom e o justo governo dos povos, que se dissocia da demagogia dos governantes o populismo dos líderes carismáticos e a força militar dos que buscam a ordem pública a ferro e fogo.

Graciliano Ramos nasceu no dia 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, sertão de Alagoas. Em 1898 tem os primeiros exercícios de leitura. Em 1905 muda-se para Maceió e passa a estudar no colégio Quinze de Março. Em 1927 é eleito prefeito de Palmeira dos Índios. Publica *Caetés* em 1933, *São Bernardo* em 1934, *Angústia* 1936. Nesse mesmo ano é preso em Maceió e levado para o Rio de Janeiro e libertado em 1937. Em 1938 publica *Vidas Secas*, em 1944 *Histórias de Alexandre*, em 1945 *Infância* e nesse mesmo ano filia-se ao Partido Comunista Brasileiro. Em 1947 publica *Insônia*. Morre no dia 20 de março de 1953.

Memórias do Cárcere foi publicação póstuma, que ficou inacabada. Se divide em quatro partes: I. Viagens, II. Pavilhão dos Primários, III. Colônia correcional, IV. Casa de correção.

Dez anos após, Graciliano Ramos começa a colocar no papel as suas impressões do cárcere. Expressa angústia em seus testemunhos e afirma que hesitou em narrar os fatos sem ser considerados presumivelmente verdadeiros:

Revolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos porque silenciei e porque me dedico. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a idéia de jogar no papel criatura vivias, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? (p. 33).

Graciliano tinha o "coração oposto ao mundo" expressão usada por Alfredo Bosi em *Literatura e Resistência*. Pode se afirmar que *Memórias do cárcere* corresponde a literatura de resistência, pois o termo Resistência e suas aproximações com os termos "cultura", "arte", "narrativa" foram formulados no período entre 1930 e 1950, quando intelectuais se propuseram no combate ao fascismo, ao nazismo e às suas formas aparentadas:

A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico. Momento negativo de um processo dialético no qual o sujeito, em vez de reproduzir mecanicamente o esquema de

interações onde se insere, dá um salto para uma posição de distância e, deste ângulo, se vê a si mesmo e reconhece e põe em crise os laços apertados que o prendem à teia das instituições (BOSI, p. 134).

Através de suas *Memórias*, Graciliano mostra de que modo o indivíduo poderia agir frente à violência e as pressões de um Estado totalitário. Desse modo, ele realiza o papel de um "homem de ação", que segundo Bosi é aquele que interfere diretamente na trama social para alterá-la, movido por valores e comprometido com a verdade das suas representações. O homem de ação combate os antivalores e por meio da palavra desenvolve a resistência. Graciliano ao resistir aos antivalores do meio, declara ser inadmissível às formas pelas quais o indivíduo era tratado:

Será necessária essa despersonalização? Depois de submeter-se a semelhante regime, um indivíduo é absolvido e mandam-no embora. Pouco lhe serve a absolvição: habituado a mover-se como se o puxasse por cordéis, dificilmente se libertará. Condenaram-no antes do julgamento, e nada compensa o horrível dano. Talvez as coisas devam ser feitas assim, não haja outro meio de realiza-las. De qualquer modo isso é uma iniquidade — e a custo admitiremos que uma iniquidade seja indispensável. Aonde me transportariam? Àquela hora muitos indivíduos suspeitos estavam sendo paralisados, rolavam sobre pneumáticos silenciosos, navegavam do norte para o sul e do sul para o norte, resvalavam como sombras em longo corredores úmidos. E as autoridades resvalavam também, abafando os passos, oblíquas, tortuosas como aparências de malfeitores (p. 63).

4. CONCLUSÃO

A obra de Graciliano absorve formalmente os impactos da Era das Catástrofes expressão utilizada por Eric Hobsbawn se referindo ao século XX, especificamente as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra Mundial aos resultados da Segunda, produzindo desde as maiores fomes da história até ao genocídio sistemático.

O romance moderno incorpora o contexto desta Era das Catástrofes, segundo Walter Benjamin o romance convida ao leitor a refletir sobre o sentido da vida. Ao incorporar a modernidade o romance carrega em si o esvaziamento do homem que é despersonalizado.

É necessário fazer aqui considerações acerca da despersonalização, animalização e apagamento do eu, características presentes em outras obras de Graciliano, como *Vidas Secas* e *São Bernardo*. As expressões utilizadas em suas obras pelo narrador conferem ao indivíduo uma posição de inferioridade e uniformização.

Em *Memórias do Cárcere* é possível percebermos em diversos momentos a posição em que os indivíduos são colocados:

Era como se fôssemos gado e nos empurrassem para dentro de um banheiro carrapaticida. Resvaláramos até ali não podíamos recuar, obrigavam-nos ao mergulho. Simples rebanho, apenas, rebanho gafento, na opinião dos nossos proprietários, necessitando creolina. Os vaqueiros, armados e fardados, se impacientavam (p. 124).

A forma como a narrativa vai sendo construída demonstra o sentido de impossibilidade para lutar contra as instituições repressoras do Estado: "[...] Será necessária essa despersonalização? (p.63) [...] Pareciam querer apenas demonstrar-nos que podiam deixar-nos em repouso, em seguida enviar-nos para um lado ou para o outro" (p. 115).

O discurso de Graciliano vai sendo moldado pelo convencimento de que aqueles indivíduos não estariam aptos a voltarem a conviver na vida fora do cárcere: "[...] A educação desaparecera completamente, sumiram-se os últimos resquícios de compostura, e os infelizes procediam como selvagens. Na verdade éramos selvagens. (p. 77)". Desse modo Graciliano nos demonstra que a animalização imposta por parte do estado poderia configurar-se em personalização dentro do cárcere:

Provavelmente não havia lugar para nós, éramos fantasmas, rolaríamos de cárcere em cárcere, findaríamos num campo de concentração. Nenhuma utilidade representávamos na ordem nova. Se nos largassem, vagaríamos tristes, inofensivos e desocupados, farrapos vivos, velhos prematuros; desejaríamos enlouquecer, recolher-nos ao hospício ou ter coragem de amarrar uma corda ao pescoço e dar o mergulho decisivo (p. 179).

O confronto entre estar na civilização ou fora dela, faz com que Graciliano justifique sua posição:

A Colônia Correcional, uma desgraça. Mas se por acaso me lançassem na rua, seria desgraça também. Em que me iria ocupar? Sentia-me incapaz de trabalho, a vida se estragara. Camaradas antigos voltariam a acara, dobrariam esquinas ao ver-me, receosos de comprometer-se. Havia em mim pedaços mortos, ia-me, aos poucos, habituando à sepultura; difícil ressurgir, vagar na multidão, à toa, como alma penada (p. 378).

O narrador vai sendo tomado por ausências de expectativas e perspectivas, a liberdade implica na sua fala um sentimento de melancolia. Desse modo, tomamos o conceito de melancolia encontrado nos estudos de Sigmund Freud, quando associamos ao discurso do narrador.

O melancólico exibe uma diminuição extraordinária de sua autoestima e o empobrecimento de seu ego. O indivíduo se vê como desprovido de valor, incapaz de qualquer realização e moralmente desprezível, sempre se colocando em situação de inferioridade, marcado pela insônia e pela recusa alimentar. Características que podem ser observadas no seguinte fragmento:

Sentia-me fraco, em desânimo excessivo. O espelho da saleta mostrava-me às sextas-feiras uma cara gorda e mole. Arrastava-me lento, as pernas bambas. A perspectiva de liberdade assustava-me. Em que iria ocupar-me? [...] Não podia encerrar-me no pessimismo; indispensável regressar à humanidade, fiar-me nela; impossível satisfazer-me com partículas de humanidade, poeira (p. 298).

Graciliano faz menção ao choque que o ambiente o provoca [...] Experimentamos o choque (p.84) e sente-se perturbado ao deparar-se com a possibilidade de morrer [...] O pior é não saber a gente como vai morrer. (p.84) [...] desapareceríamos daquele jeito, iguais ao Neves, a Domício Fernandes, ao negro ansioso que pedia uma injeção de morfina [...] (p.64)

Ao levantar o debate acerca do contexto histórico brasileiro, Graciliano nos ajuda a compreender de forma crítica o passado violento, os modelos autoritários de governo, para que não caia em nosso esquecimento.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são direcionados à UNIFESSPA e ao CNPq, pela bolsa concedida.

REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo Bosi. "Narrativa e resistência". In: Literatura e resistência . São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 118-135.
DUTRA, Eliana de Freitas. O ardil totalitário : imaginário político no Brasil dos anos 1930. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
FREUD, Sigmund. "Luto e melancolia" (1917 [1915]); "Considerações atuais sobre a guerra e a morte" (1915). In: Introdução ao narcisismo : ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 170-194; pp. 209-246. (Obras completas, volume 12).
"Além do princípio do prazer" (1920). In: História de uma neurose infantil : ("O homem dos lobos"); Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920). São Paulo: Companhia das Letras, 2010, pp. 161-239 (Obras completas, volume 14).
GINZBURG, Jaime. "Impacto da violência e constituição do sujeito: um problema de teoria de autobiografia". In: Crítica em tempos de violência . São Paulo: Edusp; Fapesp, 2012, pp. 159-169.
HOBSBAWM, Eric. Era dos extremos. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

RAMOS, Graciliano. Memórias do cárcere. Rio de Janeiro: Record, 2008.